

II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.

Love-based relationship and suicide attempt in adolescence: a matter of un(love).

Azevedo, Ana Karina y Dutra, Elza Maria Do Socorro.

Cita:

Azevedo, Ana Karina y Dutra, Elza Maria Do Socorro (2010). *Love-based relationship and suicide attempt in adolescence: a matter of un(love)*. II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-031/245>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eWpa/SBK>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

LOVE-BASED RELATIONSHIP AND SUICIDE ATTEMPT IN ADOLESCENCE: A MATTER OF UN(LOVE)

Azevedo, Ana Karina; Dutra, Elza Maria Do Socorro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.
Brasil

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender cómo los adolescentes que han intentado suicidarse por razones amorosas experimentar este experience. El estudio había como soporte teórico la terapia centrada en el cliente a partir de la construcción del self, de acuerdo al pensamiento de Carl Rogers. El enfoque metodológico se inspiró existencial-fenomenológico, utilizando como una herramienta para buscar en el relato, inspirado en Walter Benjamin (1994). El estudio mostró, entre los adolescentes, la presencia de la impulsividad en relación con el acto suicida, la mayoría son de familias con la pérdida de los padres o la separación de los padres. El intento de suicidio fue cometido por jóvenes a través de la ingestión de drogas, también observamos la expresión de culpa o arrepentimiento después de intentar auto-extermínio. En cuanto a autoconcepto de los jóvenes, observó la presencia de una baja autoestima, con atribuciones negativas sobre sí mismos y visiones distorsionadas de sí mismos, lo que nos permitió reflexionar sobre la estrecha relación entre el constructo self e intentó de suicidio. El estudio motivado la reflexión sobre los resultados, contribuyendo así al desarrollo de acciones preventivas, que pueden ser efectuadas en concepto de subsidios para los programas y políticas de salud pública.

Palabras clave

Amor Adolescencia Intento suicidio

ABSTRACT

LOVE-BASED RELATIONSHIP AND SUICIDE ATTEMPT IN ADOLESCENCE: A MATTER OF UN(LOVE)

The objective of this study was to understand how adolescents who have attempted suicide because of love-related reasons have gone through this experience. The theoretical reference for the research was the Client-centered Therapy and more specifically the construct 'self', according to Carl Rogers. The methodological strategy was inspired by the existential-phenomenological strategy. It used the narrative as a research instrument, inspired by the work of Walter Benjamin (1994). The study identified the existence of impulsiveness related to the suicide attempt amongst those interviewed. The majority of the interviewees came from unstructured family backgrounds, had lost of one of their parents or experienced their parents' divorce, and attempted suicide through the ingestion of medicines. The research also revealed that the youngsters regretted attempting suicide and felt guilty about it. Regarding their self-evaluation, the youngsters had low self-esteem, negative perceptions and distorted views of themselves. These findings helped the author to reflect on the close relationship between the construct 'self' and the suicide attempt. This study contributed to the analysis and reflection on the factors that contribute to suicide attempts thus providing a foundation for the development of public health programs and policies to deal with this topic.

Key words

Love Adolescence Suicide attempt

INTRODUÇÃO

A tentativa de suicídio entre adolescentes é um dado presente em estatísticas nos estudos desse fenômeno, as quais têm revelado o crescente número de suicídios nesta faixa etária.

O suicídio é um fenômeno presente em todas as civilizações, adquirindo, assim, diferentes significados, de acordo com cada cultura. O que dizer, então, da tentativa de suicídio de um adolescente por motivos amorosos?

Autores como Dias (1991), refletem que a questão amorosa, representada pela perda ou separação do outro amado é um desses motivos que impulsionam a tentativa ou o suicídio exitoso. Outros autores, como Dutra (2000) e Mustelier (2005), também pensaram sobre a tentativa de desistir de viver motivada por questões amorosas, como o fim de um relacionamento amoroso, o desprezo do ser amado, ou até mesmo a ameaça de abandono por parte deste.

Assim, este trabalho é uma forma de pensar sobre a experiência de ser adolescente nos dias atuais, sobre a experiência de amar na adolescência e, fundamentalmente, de refletir acerca de sua finitude, revelada na tentativa de abrir mão da própria vida. Desse modo, o nosso objetivo consiste em compreender como adolescentes que tentaram suicídio por questões amorosas vivenciaram essa experiência.

O SER ADOLESCENTE: REVISITANDO ALGUNS ESTUDOS

Encontramos definições diversas do que significa ser adolescente e esta multiplicidade de conceitos sobre a adolescência representa e reflète a maneira como lidamos com os jovens: ora tentamos entender cada processo do adolecer como algo único, ora tentamos estabelecer comparações e enquadrá-los em uma categoria geral. Cada adolescente é único e vive a adolescência de maneira singular. Para alguns, tal momento é conturbado, repleto de questionamentos, de mudanças físicas, de perda de referenciais bem como de adoção de novas referências no mundo. Para outros, é apenas uma etapa da vida, como qualquer outra, em que acontecem mudanças, pelas quais é importante passar. Alguns se rebelam, outros se aquietam. O que queremos dizer com toda essa gama de possibilidades de ser é que a adolescência é uma construção única. É a partir dessa concepção que percebemos o modo de ser adolescente.

Palácios (1995) entende que é melhor falar de adolescentes do que de adolescência, e qualquer fenômeno a ser avaliado deve levar em conta a perspectiva da história evolutiva do sujeito e suas características no conjunto de sua vida. Isso chama a atenção para o fato de que essa fase do desenvolvimento deve ser entendida como um fenômeno psicossocial: deve ser compreendida a partir da história individual de cada sujeito e do contexto social e cultural em que ele está inserido.

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA POSSIBILIDADE DE DEFINIÇÃO DO EU?

Muitos autores se referem à construção da identidade como um marco característico dessa etapa. Mas será mesmo que podemos dizer que a identidade é formada nesse momento de vida? Ou ela seria construída no decorrer de toda a nossa vida?

Erikson (1987) define *identidade* como "um sentimento subjetivo de uma envigorante uniformidade e continuidade". (p. 17) Para esse autor, a identidade não seria algo estático, ou imutável, mas sim uma continuidade. Entretanto, é na adolescência que o jovem efetua escolhas profissionais, escolhe um grupo de amigos com quem se identifica, pessoas com quem deseja se relacionar, e todos esses comportamentos favorecem a sua volta para si mesmo, tentando descobrir quais são os seus reais interesses, desejos, sonhos e verdades; enfim, tentando entender quem ele realmente é.

Este mesmo autor discute que o amor adolescente é uma tentativa para se chegar a uma definição da própria identidade mediante a projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa outra, imagem que é vista refletida e gradualmente aclarada. Erikson (1987) aponta que, para estabelecer uma relação de intimidade com outro, o jovem tem que possuir uma auto-imagem firme e, conseqüentemente, uma identidade, pois sem conhecer suas próprias necessidades e vontades, uma pessoa não será capaz de admirar outra.

A partir dessas idéias, alguns questionamentos surgem em relação ao relacionamento característico dos adolescentes, especialmente - aqueles que, em função de algum desses tipos de relacionamento, pensam em desistir de viver. Poderíamos pensar se os jovens que tentam suicídio por motivos amorosos, ao fim de um relacionamento, sentiriam alguma insatisfação, uma não-realização de si mesmos e de seus projetos, um não-reconhecimento de si enquanto ser existente, o qual poderia ser propiciado pelo amor ao outro? Seria o relacionamento amoroso o espaço em que o jovem se encontraria, se reconheceria, se afirmaria, ocupando um lugar no mundo? Poderíamos pensar que, no momento em que ele não mais possuísse esse amor, estaria entregue à solidão, ao sentimento de abandono e que sua solidão somente cessaria no momento da morte? Portanto pensamos que a tentativa de suicídio pode ser uma alternativa para o ser humano visando aliviar um sofrimento sentido como insuportável.

TENTATIVA DE SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES: UM MODO DE SER...

Dutra (1999) em estudo que investigava o índice de tentativa de suicídio entre jovens do Rio Grande do Norte no ano de 1997, constatou que, nesse ano, houve 244 casos de tentativa de suicídio no estado, 40,9% dessas tentativas de suicídio foram cometidas por jovens com idade compreendida entre 17 e 23 anos, o que corrobora estudos realizados no Brasil, os quais revelam que os jovens apresentam uma grande incidência de ideação suicida, ratificando ainda mais a importância deste estudo.

Jacobs (1971) conclui que um jovem é capaz de atentar contra a própria vida quando se sente totalmente abandonado, efetivamente sem qualquer esperança de alcançar um "relacionamento social significativo".

Cassoria (1991) chama a atenção para uma peculiaridade que permeia as tentativas e ideações suicidas em mulheres adolescentes que muito interessa ao nosso estudo: muitas vezes, as tentativas de suicídio estão relacionadas a razões amorosas, afetivas. Este autor percebeu que o ato suicida geralmente ocorre após uma desilusão em relação a uma pessoa significativa, como namorado ou figura parental, que ameaça abandonar à jovem ou que ela sente que irá abandoná-la. Para ele, os estudos de vínculos afetivos dessas jovens, em que a ruptura ou ameaça da ruptura do vínculo leva ao ato suicida, fornecem uma pista: a de que essa relação é de tal intensidade constituída que os limites do *self* se confundem, de modo que a pessoa não sabe mais onde começam e onde terminam os próprios desejos e fantasias e onde começam os do outro. Percebe-se, então, uma formação de relação simbiótica; assim, a perda do parceiro é sentida como perda de parte de si mesma, onde estavam projetados muitos aspectos idealizados.

Dias (1991) também realiza reflexões sobre o suicídio amoroso. Para essa autora, o indivíduo, muitas vezes, atribui a responsabilidade de seu ato ao outro parceiro ou, até mesmo, dedica a sua tentativa de auto-extermínio a esse outro ser. Essa autora considera que aquele que tenta suicídio em situação de abandono se mata ansiando matar o outro dentro de si mesmo.

Caruso (1989), o qual refere que a separação de um casal traz a vivência da morte na sua consciência, face ao desaparecimento do outro em si mesmo.

Assim, podemos pensar na tentativa de suicídio, na escolha por não mais viver, como um (des) amor a si, uma falta de amor a seus projetos de vida, seus sonhos, uma falta de amor ao que se é, à própria vida vivida. Um amor que, na relação amorosa, se expressa num reconhecimento de si através do outro, no qual o jovem pode se perceber como pessoa existente e um ser de potencialidades. Ao perder o outro, ou na ameaça de perda desse outro no qual ele se reconhece, o adolescente perde um pouco de si, do que é, e como foi dito anteriormente, é lançado na solidão que lhe é inerente, lançado num mundo em que é responsável pelo que é, pela sua vida e seu destino.

O que faria, então, com que adolescentes que vivenciam uma situação como a descrita nestas linhas cogitem abrir mão de sua existência? Para nós, inicialmente, tal escolha estaria perpassada por toda uma concepção de si mesmo, ou seja, de um autoconceito que permearia a forma como o indivíduo se relaciona com o mundo e com as pessoas que o rodeiam.

A NOÇÃO DE SELF EM CARL ROGERS: UM CONCEITO DE SI MESMO

A definição do termo "*self*" ou "*conceito de si mesmo*" é um constructo, uma elaboração eminentemente fenomenológica, em que o conceito de *si mesmo* ou o *si mesmo* como objeto percebido dentro do campo perceptual, é o conjunto de percepções ou imagens relativas a nós mesmos. É como se fosse uma configuração organizada das percepções que o indivíduo tem de si mesmo que são admissíveis à consciência - as percepções e conceitos que ele possui de si mesmo em relação aos demais e do meio.

Assim, na medida em que vão ocorrendo experiências na vida do indivíduo, estas podem, segundo Rogers (1975), ser simbolizadas e organizadas de modo a se relacionarem com o *self*, assim como podem ser ignoradas, por não se relacionarem ao autoconceito do sujeito, como também podem ser recusadas, não sendo simbolizadas pelo sujeito, ou até mesmo ser simbolizadas de forma distorcida, por serem vividas como incoerentes com a imagem que o sujeito possui de si mesmo.

Desta maneira, o *self* seria um regulador do comportamento, porque teria capacidade de orientar as ações do indivíduo e de influenciar, ou mesmo determinar, como afirma Rogers (1975), a maneira como o sujeito se relacionaria com o mundo que o cerca. É importante lembrarmos que não só o *self* tem componente regulador do comportamento, existe outra instância que juntamente ao *self* é determinante do comportamento, a tendência atualizante, a qual busca a conservação e o enriquecimento do eu e, para isso, se oporia a tudo o que viesse a ameaçá-lo. Rogers (1977) reflete que "todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento" (p. 159). O que percebemos é que o sucesso dessa capacidade inerente do ser humano se dá em função da forma como o sujeito percebe a situação e a forma como realizará tal percepção sobre o fato vivido, o que está diretamente relacionado ao conceito que o sujeito tem de si.

As idéias apresentadas até aqui nos levam a pensar sobre a formação do conceito de si mesmo entre adolescentes que tentam suicídio por questões amorosas. Percebemos, ao longo deste percurso teórico, que muitos adolescentes, na relação amorosa, buscam no outro amado uma forma de se perceberem, de se definirem, de encontrarem seu papel no mundo. De certa forma, como vimos na noção rogeriana, o modo como os outros nos percebem influencia o modo como vamos nos perceber. O adolescente, ao sentir que o outro a quem ama, o qual o ajuda a visualizar a maneira como ele se percebe no mundo, passa a não mais amá-lo, fica imerso em um universo de questões que dizem respeito à maneira como ele se percebe e se conceitua. Podemos pensar também que o outro que nos ama nos diz que somos especiais, que somos admiráveis, que temos coisas boas a serem amadas, ressaltam nossos atributos e, sim, dizem muito de nós mesmos, no momento em que sua fala, seu olhar permitem vermo-nos aclarados nesses gestos.

Podemos pensar que a tentativa de suicídio, como forma de comunicação, seria uma maneira de o indivíduo dizer para um outro ou para si próprio que é difícil suportar essa perda, esse sofrimento, mas tal experiência por si só não é capaz de definir tal escolha, pois ela está permeada por toda uma construção de vivências que possibilitaram uma visão positiva ou negativa de si mesmo. E isso, sim, seria o fator primordial para determinar, reger a maneira como o indivíduo, o adolescente, vai experienciar e, até mesmo significar, a perda de um amor, o rompimento de uma relação amorosa.

Muito embora a tentativa de suicídio seja interpretada como um ato extremo, final, ele pode ser entendido, nesse contexto, como uma forma de ser, uma forma de existir. Nesse sentido, compreender a história de vida desse indivíduo pode nos fazer entender que morrer pode ser uma escolha para potencializar o existir, o qual seria continuar a viver, ainda que apenas na lembrança dos outros.

CAMINHOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada por nós inspira-se numa perspectiva fenomenológico-existencial, utilizando como instrumento de pesquisa

a narrativa, de acordo com o pensamento de Walter Benjamin (1994) e com a sistematização de Schmidt (1990).

Dutra (2002), refletindo acerca da narrativa, afirma que, na medida em que o narrador conta a sua história, a experiência se desvela, sendo construída e reconstruída através da linguagem. Para esta autora ao contar a sua história, o narrador nos introduz em sua vida, nos sensibiliza e nos coloca como participantes de sua experiência, fazendo com que o pesquisador se torne sujeito dessa experiência.

Sendo assim, propomo-nos, nessa relação de intersubjetividades que é o encontro entre o narrador e o ouvinte, e na nossa figura de pesquisadora, possibilitar a expressão da experiência, por via da narrativa e da revelação da experiência do amor adolescente. Nesse processo, a narrativa configura uma colcha de retalhos em que os tecidos são as experiências ao longo da vida, tecidas no ato de narrar, de falar sobre o próprio viver. Narrar, antes de contar uma história vivida, é poder resignificá-la, vivê-la de uma outra maneira.

Fizeram parte do presente estudo quatro jovens (três do sexo feminino e um do sexo masculino), que tentaram suicídio devido a questões amorosas, durante a adolescência, ou seja, quando tinham entre 12 e 18 anos.

Foram coletados dados no CIT - Centro de Informação Toxicológica de Natal -, o qual registra casos de tentativa de suicídio em nossa cidade, tendo, inclusive, verificado que algumas ocorrências registradas em seus arquivos foram motivadas por questões amorosas. Sendo assim, alguns adolescentes indicados por tal órgão foram contatados para participarem de nossa pesquisa. Outra fonte de dados foi a indicação de pessoas que conheciam adolescentes que haviam vivenciado uma experiência como a que estávamos recrutando. Lembramos que a participação dos jovens se deu de maneira voluntária - eles aceitaram participar da pesquisa de forma espontânea - e salientamos também que todos tiveram a sua identidade preservada na análise dos dados.

Foram realizadas entrevistas semi-abertas, com um pergunta disparadora que permitiu ao jovem expressar sua experiência de tentar desistir de viver na adolescência - **“Como foi para você a experiência de tentar suicídio?”**. As entrevistas foram gravadas em fitas cassete, transcritas e, posteriormente, literalizadas em forma de narrativas. A compreensão das narrativas teve como base os sentidos que emergiram das falas dos jovens bem como os momentos que nos afetaram, indicando o sentido da experiência da desistência de viver e a experiência da relação amorosa no viver do entrevistado. Lembramos aqui que esse momento foi precedido de inúmeras e cuidadosas leituras dos depoimentos obtidos, os quais permitiram a aproximação do sentido atribuído pelos jovens à tentativa de suicídio. Tal forma de análise dos dados é semelhante à utilizada por Dutra (2002): os depoimentos são comentados e interpretados a partir dos significados revelados na experiência narrada, e compreendidos a partir do diálogo com os autores que ajudaram a compor o corpo teórico do trabalho e aqueles que investigaram a temática das tentativas de suicídio de jovens.

A literalização consiste no momento em que, após a transcrição das entrevistas, os depoimentos são transformados em texto, tendo as falas unidas de modo a permitir ao leitor a sensação de que está ouvindo o entrevistado narrar a sua história. Assim, as intervenções do entrevistador não estarão textualizadas no depoimento, mas certamente sua fala e sua presença estarão incluídas na narrativa.

Os nossos passos de análise foram baseados nos procedimentos sugeridos por Bicudo e Martins (1994), em que inicialmente realiza-se uma transcrição com a finalidade de familiarizar-se com o texto que expressa a experiência vivida; em seguida procedemos à marcação ou destacamento de núcleos significativos que emergiram da fala do narrador, evidenciando o fenômeno estudado e os aspectos a ele relacionados; por fim, procedeu-se à interpretação dos dados, que apontou para o entrelaçamento dos elementos, como a experiência vivida nesse encontro intersubjetivo que é a entrevista, os pressupostos do pesquisador e os marcos teóricos de referência.

Sendo assim, surgiram dez núcleos significativos: **Impulsividade da tentativa de suicídio; Adolescente suicida e questões fa-**

miliares; Tentativa de suicídio por ingestão de medicamentos; Sentimento de arrependimento ou culpa após tentativa de suicídio; Autoconceito do adolescente; Vivências concorrentes à relação amorosa e ao outro amado; Presença de comportamentos depressivos; Gravidez durante a relação com os parceiros pelos quais tentaram suicídio; Multideterminação do ato suicida; Reflexão sobre a tentativa de suicídio como algo mobilizador da resignificação da vida.

Discussão dos dados

No primeiro núcleo de sentido, **Impulsividade da tentativa de suicídio**, percebemos que, na grande maioria dos casos estudados, a tentativa de suicídio é vivenciada como algo imediato, respondendo a um sentimento de sofrimento insuportável. Alguns adolescentes revelaram, inclusive, que ela ocorreu em um momento de desespero, o que corrobora a reflexão de Cassorla (1998) de que, muitas vezes, o suicida não deseja morrer, mas sim fugir de um sofrimento insuportável. Essa mesma observação foi feita pela OMS (2000), a qual aponta como característica daquele que pensa em suicidar-se a impulsividade, que pode ser desencadeada por eventos negativos do dia-a-dia. Como ilustrado no depoimento de um dos participantes da pesquisa: *“Eu nunca tinha passado por isso na minha vida, nunca tinha pensado em morrer, nunca na minha vida. Foi um ato impulsivo.”*

Podemos observar como esse ato vem em resposta à vivência insuportável de um sofrimento e que o adolescente não conseguiu resolver ou elaborar de outra forma. Tal experiência soa como uma tentativa de lidar com essa dor, mesmo que ela racionalmente não seja entendida dessa maneira. Muitos a descrevem como algo que ainda não pôde ser compreendido plenamente por eles mesmos, demonstrando, inclusive, perplexidade com tal colcha.

Outro aspecto revelado nos depoimentos relaciona-se ao **Adolescente suicida e questões familiares**, face ao fato de que, em muitos depoimentos, os jovens entrevistados eram provenientes de famílias com perdas parentais ou separação dos pais ou até mesmo em que havia ausência de diálogo, aspecto presente também em estudos como o de Cassorla (1991) e o de Dutra (2000), dentre outros. Tal reflexão pode ser exemplificada no depoimento a seguir: *“... Minha mãe mora em Brasília, meu pai mora aqui. Então, eu morava só com meu pai, ainda moro só com meu pai. Então não existia, não existe um relacionamento entre pai e filho que possibilitasse a compreensão maior dele.”*

Observamos que nas falas da maioria dos entrevistados, percebemos a presença de um ambiente familiar marcado pela desestruturação de seu núcleo principal, com perda de um ente querido, como o pai, ou com a separação dos pais. Em alguns dos depoimentos, observamos quanto tal ocorrência marcou a vida dos adolescentes. Cassorla (1991) verifica que a maioria dos adolescentes suicidas provém de famílias em que falta uma figura parental, ou faltam ambas, por abandono ou separação. Percebemos nos depoimentos analisados o relato da dificuldade em conversar sobre o ato suicida bem como em ter um espaço para dialogar sobre as ocorrências de seu dia-a-dia.

Um aspecto concordante entre os entrevistados está no fato de que todos realizaram suas tentativas de suicídio ingerindo medicamentos que utilizavam em seu dia-a-dia. Três dos quatro entrevistados referiram o uso de medicação controlada para tratamento da depressão ou para outro tipo de tratamento. Estatisticamente, estudos apontam para o fato de que as tentativas de suicídio ocorrem, em sua maioria, por ingestão de medicamentos, o que torna esses suicídios fracassados, pelo baixo grau de agressividade do método escolhido.

Tal constatação sugere que é talvez devido à impulsividade do ato suicida, descrito nos depoimentos estudados que esses jovens estão recorrendo ao método mais acessível no momento de questionamento de suas vidas. O medicamento de uso diário torna-se, então, o elixir para sanar a dor, como vemos no seguinte depoimento: *“... eu tomo anticonvulsivo, eu tenho epilepsia. Ai eu tava tomando gardenal, eu tinha uma cartela cheia e outra com 15 comprimidos, e as duas estavam juntas. Eu peguei só a que tinha 15. Eu ficava me sentindo muito só, apesar de ter muita gente dentro de casa mas eu nunca conseguia conversar com ninguém. Ai escutei aquela voz me dizendo: ‘vá a tal canto! pegue*

aquela cartela, tome!”

Na fala dos entrevistados percebemos que os atos são precedidos de “gatilhos”, fatos ou situações que impulsionam a desistência de viver, como uma frustração vivida.

Interessante percebermos a presença de um **sentimento de arrependimento ou culpa após tentativa de suicídio**, como visto neste depoimento: *“Com algum tempo a mais, cerca de três meses depois, é que eu vim, realmente, cair na real do que tinha acontecido, do que foi ter tentado suicídio, realmente suicídio, porque nos primeiros dias, primeiros momentos, eu tava completamente fora de mim, tava frágil, sensibilizada, muito carente, precisando muito da família.”*

Nos depoimentos analisados, observamos os conflitos vividos por um suicida, a vergonha de assumir um ato tão extremo, a maneira como tal ato mobiliza a família, mas também descontentamento por ter tentado matar-se por uma outra pessoa, que não merecia a perda de sua própria existência. Mas também percebe-se a presença da culpa pelo ato a partir do momento em que outros os censuraram, quando passaram a julgá-los e a atribuir-lhes a responsabilidade pelas conseqüências do seu ato, o que nos remete ao processo de formação do *self* segundo as idéias de Rogers (1977), visto que, para ele, no momento em que a pessoa está incongruente com a sua experiência, com seus pensamentos e sentimentos, ela passa a adotar o outro como referência.

No entanto, cada experiência de tentar suicídio é única e particular. Estamos falando de uma vivência que se processa de diferentes maneiras em cada sujeito. Possivelmente motivado pela forma particular como cada sujeito vivencia as experiências em sua vida a partir de seu *autoconceito*.

Nos jovens entrevistados percebemos a expressão de conteúdos referentes à definição de si mesmos. *“... eu sempre me achei a pior pessoa do mundo... nunca me senti pertencente ao grupo em que eu vivia da adolescência, que é com menino com treze/catorze anos já perde a virgindade, fica com cinco meninas numa noite, etc; que você sabe que é comum.”*

Em vários momentos os jovens relatam a mudança desta definição de si após a vivência da relação amorosa. Isto porque, percebemos **vivências concernentes à relação amorosa e ao outro amado**, expressas numa vivência intensa em função do ser amado. Como podemos ver no depoimento a seguir:

“Eu tive um relacionamento com uma garota e eu amava ela, então eu comecei a achar que ela era o foco da minha vida, eu comecei a colocar ela no centro da minha vida, pensando que se eu não vivesse com ela a vida não teria pra mim nenhuma outra importância.”

Ela tinha tudo que eu imaginava de mulher ideal pra minha vida, então eu fantasiei que só existia ela pra minha vida.”

Nos depoimentos analisados percebemos um sentimento em relação ao outro vivido de maneira intensa, assim como a relação amorosa também era vivida dessa forma. O outro é referido como centro da vida do entrevistado, centro de sua atenção, o que faz com que ele atribua seus sentimentos ao outro, colocando a si mesmo em segundo plano. Tal reflexão nos faz lembrar Cassorla (1991), o qual, refletindo sobre a tentativa de suicídio amoroso entre mulheres, verificou a presença de uma relação simbiótica entre os amantes, dando a sensação de que os sentimentos e desejos são um só.

Além disso, o que percebemos em diversos momentos da fala desses jovens é que os limites do *self* entre cada um deles eles e seu(sua) namorado(a) se confundem, de maneira que eles não sabiam mais o que pertencia a eles e o que pertencia ao outro. Passaram a ser um só ser, em que as vontades, os desejos do outro eram incorporados como se fossem seus, pertencentes ao seu *autoconceito*. A baixa auto-estima, uma concepção de si negativa, os fez adotar como ponto de referência a fala, a voz do outro, que passa a ser introjetada por eles como se fosse a sua real experiência. O outro que os aprecia e a quem eles amam, passa a ser o mundo real de experiências desses adolescentes, que se distanciam de si mesmos e, conseqüentemente, de quem eles realmente são, em função da adoção de um referencial de um outro que não eles mesmos. Toda essa reflexão, como foi dito anteriormente, nos remete a Rogers (1977), com sua noção de

inautenticidade, em que experiências, valores e idéias dos outros passam a ser incorporados como próprios, fazendo com que o sujeito se distancie de seu *si mesmo*. Podemos, assim, pensar que os adolescentes aqui estudados, na maioria das vezes, agiram de forma inautêntica.

Outros componentes que surgiram nos depoimentos analisados foram **referências de baixa auto-estima** e a necessidade de sentir-se especial para o outro, receio de abandono do outro amado, a referência a um sentimento de obsessão para com o outro, bem como de uma idealização da concepção de amor.

Percebemos nos participantes aspectos que nos permitem perceber uma **história de vida marcada por separação dos pais, perda de um ente querido, falta de diálogo no ambiente familiar**, eventos traumatizantes - como estupro -, uma educação repressora, com valores rígidos. De certa maneira, esses fatores, confluindo e em permanente interação com os acontecimentos vividos pelos sujeitos, os conduziram a vivenciarem a relação amorosa de maneira tão intensa. Para alguns, a relação amorosa era a possibilidade de terem uma vida diferente, um lar como sonharam, marcado por essa visão de amor romântico presente em nossa cultura. É freqüente encontrar na fala dos adolescentes entrevistados a menção de que eles sempre foram o que sempre sonharam. Para outros entrevistados, a relação amorosa que mantinha com o(a) namorado(a) era a tentativa de perpetuarem a que viam entre os pais, na construção de um lar, de uma família. Dentro das discussões acima referenciadas, percebemos a **presença de comportamentos depressivos**, como visto no depoimento deste participante da pesquisa: *“... Eu ficava na cama sem comer, e minha mãe tentando me animar. Ai eu peguei cortei meu cabelo, eu tinha o cabelo muito grande, entendeu? Eu tinha o cabelo grandão e eu cortei o cabelo do nada, coisa pra chamar a atenção mesmo. E ficava na cama, etc.”*

Em pesquisa realizada por Filho, Mezzaroba, Turini, Koike, Júnior, Shibayama e Fenner (2002), com adolescentes que tentaram suicídio através da ingestão de medicamentos, os autores observaram que, em 67,1% dos casos estudados, houve a referência a diagnóstico depressivo, o que, de certa maneira, corrobora observações da literatura sobre a relação entre depressão e ocorrência de suicídio.

Outro interessante aspecto observado entre as entrevistadas foi a presença de **gravidez durante a relação com os parceiros pelos quais tentaram suicídio**. Na apreciação das entrevistas, observou-se também que as três entrevistadas engravidaram dos parceiros com quem estavam durante a tentativa de suicídio. Cassorla (1991) comenta que seu estudo com mulheres que havia, tentado suicídio revelou ser comum ter havido uma gravidez, possivelmente em função de uma tentativa de reestabelecer a relação simbiótica da qual falamos anteriormente.

Tais componentes observados reforçam a reflexão da **multideterminação do ato suicida**. Nas entrevistas realizadas, apesar de estarmos estudando a relação entre tentativa de suicídio de adolescentes e questões amorosas, vimos que não é apenas esse fator que determina a tentativa de suicídio em si, mas a interação dos mais diversos fatores que integram a vida do sujeito. Ressaltamos a importância de não tentarmos compreender a tentativa de suicídio a partir de fatos isolados, visto que esse é um fenômeno multideterminado: como vimos, vários fatores interagem para fazer com que um jovem pense em desistir de sua vida. Tais fatores influenciam na maneira como o jovem se relaciona com o mundo e com as pessoas ao seu redor. Isso também pode influenciar a maneira como eles se posiciona diante de um outro no contexto da relação amorosa. Sabemos que todas as experiências vividas pelo adolescente e pelo ser humano, desde a sua infância, contribuem para a formação do seu *autoconceito*. Dependendo da maneira como essas experiências são internalizadas, são significadas pelo homem, elas vão favorecer uma noção de si mesmo realista ou não. E é exatamente isso que vai determinar a maneira como o ser humano e por que não dizer, o adolescente, vai se posicionar, se perceber na interação com os outros componentes do seu mundo.

Neste sentido, os depoimentos revelaram ainda uma **reflexão sobre a tentativa de suicídio como algo mobilizador da ressignificação da vida**. Percebemos um papel reconstrutor que a ex-

perícia de entrar em contato com sua finitude teve para esses jovens. Todos os nossos quatro entrevistados relataram uma certa resignificação de seu viver após a tentativa de suicídio. E isso se torna relevante quando retomamos a fala de Cassorla (1991), o qual relata que existem indícios de que, em alguns casos, a tentativa de suicídio entre adolescentes pode ser considerada como um fator estruturante da personalidade, visto que seria uma tentativa do ego de apelar para o meio ambiente, como um pedido de ajuda. Como percebemos no depoimento a seguir: “*E depois de tudo eu... eu acho que eu mudei de pensamento, de cérebro, o meu se transformou: aquela Mirela imatura, aquela Mirela que achava que o mundo era um mundo de fantasias, sabe? que a gente, as pessoas eram maravilhosas, e todo mundo era, sabe? e a gente não deveria desconfiar de ninguém, porque todo mundo é mil maravilhas, mudou completamente. Mudou, mudou totalmente.*”

Alguns entrevistados expressam uma resignificação de sua vida, passando a se perceber de uma maneira diferente, reavaliando a vida e o viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revedo as entrevistas e depoimentos bem como, relendo a literatura estudada, constatamos a complexidade da temática aqui abordada. Devemos, por isso, sempre ter o cuidado de não tentar ver relações de causalidade entre os fatos buscando explicações para a tentativa de suicídio, pois, se assim o fizermos, corremos o risco de chegar a conclusões equivocadas.

Ao invés disso, devemos tentar compreender cada caso como particular, único, e só podendo ser entendido a partir da história de vida do sujeito, do seu contexto de vida, dos aspectos culturais e sociais com os quais ele está envolvido.

Nas quatro entrevistas que compuseram o nosso quadro de análises, vários fatores, integrados, favoreceram a compreensão das tentativas de suicídio. Muito embora estejamos buscando compreender os motivos amorosos de tentativas de suicídio adolescente. Compreendemos que as demais situações de vida do sujeito influenciavam a maneira como eles se posicionavam em relação a temas como o amor, a percepção do outro amado e, principalmente, o que esperar de uma relação amorosa. Percebemos quanto o contexto familiar, a educação, os valores cultivados socialmente, os aspectos culturais de nossa sociedade influenciaram a maneira como os adolescentes de nossa pesquisa se percebiam.

Encontramos em seus discursos palavras que refletiam o mito do amor romântico, com base no qual o indivíduo espera por alguém a quem ama e que o amará com a mesma intensidade, assim como nutre expectativas de encontrar um par perfeito, alguém com quem constituir família, ter filhos, ter um lar, perpetuando, muitas vezes, a história de sua própria família.

Observamos também nesses jovens a presença de baixa auto-estima, com referências negativas sobre si mesmos, visões distorcidas de si. Muitas vezes, o indivíduo, não possuía o conceito real de si mesmo adotando discursos de outro e culpando o outro amado pela sua infelicidade, sem se implicar na relação amorosa. E isso está em total consonância com a reflexão sobre *self* de Carl Rogers que utilizamos neste trabalho, de que esses jovens passaram a adotar o outro amado como referência, afastando-se da capacidade de se auto-avaliar e se auto-corrigir, as quais seriam capacidades que favoreceriam a congruente experiência e o crescimento. E como bem referenciamos em nosso título, tais fatores evidenciaram não só um desamor a si, presentes nas referências negativas atribuídas a si mesmos, como também foram presentificadas a partir do desamor do outro a eles mesmos, ou seja, quando o outro a quem amavam passa a não desejá-los mais ou a dar a percepção de que não mais o quererem.

O nosso propósito, ao final do trabalho, é que as reflexões desenvolvidas aqui possam ser compartilhadas com profissionais de saúde e a sociedade, de uma maneira geral, através de eventos científicos, publicações e quaisquer meios de comunicação que venham a contribuir para confirmar a função social de um trabalho científico.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A. (1990) Adolescência. (6ª edição). Porto Alegre: Artes Médicas.
- BICUDO, M.A.V e MARTINS, J. (1994) A pesquisa qualitativa em Psicologia. Fundamentos e Recursos Básicos. Editora Moraes. São Paulo, SP.
- BOUCHARD, G. (2005) Suicídio na Adolescência. Tradução: Marilita de Castro. Acessado em 24 de Janeiro de 2005 no World Wide Web: www.ronet.com.br/conhecer/publica1.html
- CARUSO, I. (1989). A separação dos amantes. São Paulo: Diadorim Cortez.
- CASSORLA, R. M. S. (1984) O que é suicídio. São Paulo: Editora Brasiliense.
- CASSORLA, R. M. S. (1991) Do Suicídio: Estudos Brasileiros. São Paulo: Papyrus.
- CASSORLA, R. M. S. (1994) Autodestruição Humana. In: Cadernos de Saúde Pública. Vol. 10. Supl. 1. Rio de Janeiro.
- CASSORLA, R. M. S. (1998) O suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. In: Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 14, 7-34.
- DIAS, M. L. (1991) O suicida e suas mensagens de adeus. In: Cassorla, R. M. S., org. (1991) Do suicídio - Estudos Brasileiros. Campinas, São Paulo: Papyrus. Pp. 89-106.
- DIAS, M. L. (1991) Suicídio, testemunhos de adeus. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Dutra, E. (1997). Estudo epidemiológico do suicídio no rio grande do norte: 1985/1996. In: VI Semana de Humanidades - VII Seminário de Pesquisa do CCHLA, Natal. Anais da VI Semana de Humanidades. Natal: EDUFRRN, 1997. p. 241-241.
- DUTRA, E. M. (1999) Epidemiologia das tentativas de suicídio no Rio Grande do Norte. Relatório não publicado.
- DUTRA, E. M. S. (2000) Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o Enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa. Tese de Doutorado não-publicada. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DUTRA, E. M. S. (2002) A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia. Vol.7 n.2, jul.dez. Natal.
- DUTRA, E. (2003) Aspectos existenciais e psicossociais do suicídio de agricultores no Rio Grande do Norte. Relatório de Pesquisa apresentado ao Cnpq.
- ERIKSON, E. (1987) Identidade Juventude e Crise (2ª edição). Rio de Janeiro: Editora Guanabara. (Texto original publicado em 1968)
- GALLATIN, J. (1986) Adolescência e individualidade: Uma abordagem conceitual da Psicologia da Adolescência. Tradução de Antônio Carlos Amador Pereira, Rosane Amador Pereira. São Paulo: Editora Harbra Ltda.
- JACOBS, J. (1971) Adolescent suicide. New York: Wiley.
- JACOBS, D. G. (1998) The Harvard Medical School guide to suicide assessment and intervention.
- MARCUSCHI, L. (1999) A. Aspectos da progressão referencial. na fala e na escrita no português brasileiro. In: Estudos de Linguística do Texto. GÄRTNER, Eberhard, HUNDT, C. e SCHÖNBERGER (eds): Frankfurt am Main: tfm.
- MUSTELIER, L. I. (2005) ¿Adolescentes Problemas o Problemas de la Adolescencia? Acessado em 10 de Abril de 2005 no World Wide Web: <http://www.monografias.com/trabajos13/adopro/adopro.shtml#sui>.
- PALÁCIOS, J. (1995). O que é adolescência? Em: C. Coll; Palácios & A. Marchesi, (Orgs.). Desenvolvimento Psicológico e Educação, Vol.1, Psicologia Evolutiva, Artes Médicas.(p. 263 – 272).
- ROGERS, C. R. (1961/2001) Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes.
- ROGERS, C. R. (1970). Grupos de encontro. São Paulo: Martins Fontes.
- ROGERS, C. R. (1975) Terapia Centrada no Paciente. S.P., Martins Fontes.
- ROGERS, C. R. (1977) Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e prática da terapia não-diretiva. (vol. 1 e 2) Belo Horizonte: Interlivros.
- ROGERS, C. R. & STEVENS, B. (1994) De pessoa para pessoa. São Paulo: Pioneira.
- SILVA, M. M. (1992) Suicídio – Trama da Comunicação. Dissertação de Mestrado não publicada, PUC, São Paulo.
- SCHMIDT, M. L. S. (1990). A experiência de psicólogas na comunicação de massa. Tese de doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- WEINGARTNER, C. L., JOHN, D., BONAMIGO, L. D. R. & GOIDANICH, M. (1995) O Ficar e o Namorar Visto Pelos Adolescentes. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, 8, n. 2, 181 – 203.